



Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education.

Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381

<https://doi.org/10.33871/23594381.2021.19.2.201-215>

“Cachoeirinha, lago, onda, gota, chuva miúda, fonte, neve e mar”: as águas possibilitando infiltrar na formação docente em gênero e sexualidade

Cláudia Maria Ribeiro, Professora Titular aposentada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras (Ufla). Integrante do Colegiado do Fórum Mineiro de Educação Infantil e coordenadora do Comitê Gestor do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil. Integrante do grupo de pesquisa Relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente (Fesex), ribeiroclaudiamaria1@gmail.com

Fábio Pinto Gonçalves dos Reis, Professor Associado II do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Lavras (Ufla) e integrante do grupo de pesquisa Relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente (Fesex), fabioreis@ufla.br

Resumo: O artigo entrelaça as imagens simbólicas do imaginário das águas que brotam na letra da música “Eu e Água” de autoria do compositor Caetano Veloso e as temáticas de gênero e sexualidade nos processos de formação docente. Apresenta aspectos do projeto de extensão universitária aprovado pelo Proext/MEC/2015 intitulado “Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no sul de Minas Gerais”, coordenado pelo grupo de pesquisa Relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente. Problematiza também o depoimento de uma pedagoga integrante do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil. Apresenta concepções de extensão universitária infiltradas nas experiências, nos dilemas, nos desafios e no desenvolvimento de ações formativas realizadas pelo grupo de pesquisa imerso nos estudos das teorizações pós-críticas, assumindo o compromisso ético político com a concepção de extensão universitária baseada nas metodologias pós-críticas ao fazer interface com pesquisas de intervenção social mais ampla, sobretudo, as que se correlacionam com a formação de professores/as quando as temáticas são afetadas aos marcadores sociais de gênero, sexualidade, raça, etnia, religiosidade, geração e tantas outras diferenças.

Palavras-chave: Formação docente. Indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão. Gênero. Sexualidade.

“Cachoeirinha, lake, wave, drop, light rain, fountain, snow and sea”: the waters allowing to infiltrate in teacher training in gender and sexuality

Abstract: The article interweaves the symbolic images of the imaginary of the waters that sprout in the lyrics of the song “Eu e Água” by composer Caetano Veloso and the themes of gender and sexuality in the processes of teacher education. It presents aspects of the university extension project approved by Proext/MEC/2015 entitled “Bubbling confrontations to sexual violence in childhood in southern Minas Gerais”, coordinated by the research group Relations between philosophy and education for sexuality in contemporary times: the problem of teacher education. It also problematizes the testimony of a pedagogue member of the Sul Mineiro Forum for Children's

Education. It presents conceptions of university extension infiltrated in the experiences, dilemmas, challenges and development of formative actions carried out by the research group immersed in the studies of post-critical theorizations, assuming a political ethical commitment to the concept of university extension based on post-critical methodologies. criticism when interfacing with broader social intervention research, especially those that correlate with teacher education when the themes are affected by social markers of gender, sexuality, race, ethnicity, religiosity, generation and many other differences.

Keywords: Teacher education. Inseparable teaching, research and extension. Gender. Sexuality.

Submissão: 2021-06-28. **Aprovação:** 2021-06-30. **Publicação:** 2021-08-31

Nascente: concepções

As muitas águas do título deste artigo são um presente de Caetano Veloso para a voz de Maria Bethânia e borbulham na letra da música “Eu e Água”¹. A água inspira a imaginação e brota como símbolo também de contradições. O imaginário das águas² instiga-nos a pesquisar; a entrelaçar as imagens simbólicas e os comportamentos sociais especialmente para problematizar as relações de gênero e as sexualidades. A imaginação irrigou nossas formas de sociedade, nossos modos de sonhar, que dizem mais sobre nosso próprio segredo do que as vezes queremos admitir (VEIGA-NETO, 2012). Assim, a quatro mãos, compusemos este texto – nós e água – para infiltrar nos questionamentos possíveis das formações docentes. Primeiro deles: por que imaginário das águas?

Haja potencialidades nos mergulhos no imaginário, ou seja, estudar nossos modos de viver juntos; o mundo é um vastíssimo campo para pesquisas. Concebemos imaginário não como fuga da realidade. Monique Augras (2009, p. 10) diz do conceito de imaginário articulando-o à realidade: “Faz parte dela, quanto mais que a realidade social é também uma construção”.

Esta concepção advém de Bachelard (1985, 1988, 1990, 1991, 1994, 1989, 1999), que valoriza a criação poética e de seu discípulo Gilbert Durand (1997). Este define imaginário como capital antropológico sem antagonismos entre razão e imaginação. O professor Alberto Filipe Araújo (2013) em conferência realizada na Universidade do Minho, em Braga, Portugal, disse que “o imaginário é como a água que se infiltra nas estruturas mais

¹ Eu e Água de autoria de Caetano Veloso.

² Cf. Museu Imaginário das Águas, Gênero e Sexualidade <http://imaginariodasaguas.com.br>.

compactas e rígidas – sociais, políticas, econômicas, culturais, históricas, pedagógicas – deixando indubitavelmente a sua marca, que pode ser da mais discreta à mais penetrante”. Acrescentamos a esta afirmação: gênero e sexualidade também – penetram, infiltram, atravessam, constituem, estruturam o social.

“A água e seu rugido”: gênero e sexualidade

Pesquisar gênero e sexualidade tem-se constituído em muitos bramidos, frêmitos e rugidos para fazer penetrar, embeber, impregnar nos processos de formação docente temas tão vitais para as subjetivações libertárias, singulares, “que não vão confinar as diferentes categorias sociais (minorias sexuais, raciais, culturais etc.) no esquadramento dominante do poder” (GUATTARI; ROLNIK, 1993, p. 22). Esta é a opção do Grupo de pesquisa relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente (Fesex), que tem em sua logo um barco. Michel Foucault (2001, p. 422), diz que “nas civilizações sem barcos os sonhos naufragam, a espionagem substitui a aventura e a polícia os corsários”. Que desafio atuar na academia e tentar potencializar a extensão universitária sem fragmentar o tripé: ensino, pesquisa e extensão. Fazer borbulhar, germinar, ferver, agitar processos educativos na universidade e fora dela navegando pelas resistências contra o “processo geral de serialização da subjetividade, mas também a tentativa de produzir modos de subjetividade originais e singulares, processos de singularização subjetiva” (GUATTARI; ROLNIK, 1993, p. 45).

Na contemporaneidade – que consta do nome do nosso grupo de pesquisa – as dificuldades para os rugidos têm sido incomensuráveis na vigilância e cerceamento das temáticas de gênero e sexualidade. Ribeiro e Xavier Filha (2020) problematizam a falácia da “ideologia de gênero” redundando em pânico moral (MISKOLCI, 2007). Essas tentativas de impedimento não têm cerceado nossas ações. “A água trouxe e levou meus medos” – esse movimento das águas faz-nos pensar. “Os pontos de singularidade, os processos de singularização são as próprias raízes produtivas da subjetividade em sua pluralidade” (GUATTARI; ROLNIK, 1993, p. 52). Os medos são proporcionais ao desconhecimento. Há segredos? “A água me contou muitos segredos, guardou os meus segredos, refez os meus desenhos”. Diante dos medos que brotam nesses processos de formação docente, os grupos de pesquisa que assumem as temáticas de gênero e sexualidade e produzem eventos, dossiês,

teses, dissertações, dentre outras produções, assumem resistências partilhadas³. Este é um segredo! Chevalier e Gheerbrant, (1998, p. 808) dizem que “o segredo é um privilégio do poder e um sinal de participação no poder. É igualmente ligado à ideia de tesouro e tem os seus guardiães”. Nosso tesouro é este: exercer o poder e agenciar coletivamente as resistências. Kuniichi Uno (2016, p. 39) na apresentação da conversa com Guattari diz que:

O poder está em toda parte, não apenas em todas as instituições, mas na família, no inconsciente, no desejo, na língua que, juntos, compõem uma grande máquina de máquinas por onde passam todos os aspectos correspondentes aos conceitos, como máquina desejante, rizoma, linha de fuga, desterritorialização, corpo-sem-órgãos, espaço liso, que podem certamente funcionar como dispositivos liberadores afirmativos, mas que também podem se realizar como máquina infernal de poder e de controle constantemente renovada.

Esses conceitos potencializam nossos saberes e fazeres. Nos processos de formação docente “um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 23) embasando a atuação no ensino, pesquisa e extensão. Multiplicidades rizomáticas que fazem o desejo se mover; produzir. “A água arrepiada pelo vento”. E os ventos também são múltiplos. “O rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes” (Idem, p. 43). Isso nos faz pensar na indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. Como é difícil atuar com múltiplas entradas e saídas.

“A água e seu silêncio”

³ I Seminário Integrador: Tecituras em redes de discussões e afetos: interfaces com as questões de gênero e sexualidade ocorrido entre 23 e 25 de novembro de 2020 e congregando os seguintes grupos de pesquisa Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - Gese/FURG; Grupo de Pesquisa Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade: a problemática da formação docente - Fesex/UFLA; Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero - GEPSEX/UFMS; Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade - GESED/UFJF; Experimentações: Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo, Subjetividade e Sexualidade na Educação Básica/UFPA; Grupo de Pesquisa Gênero, Corpo, Sexualidade e Educação - GPECS/FACED/UFU; Grupo de Estudos e Pesquisas Gênero e educação - Gepege/UFPA; IMPRESSÕES – Grupo de estudo em pesquisa em Desenvolvimento Profissional de professores – trabalho, narrativa e memória afetiva (linha de Vida de Mulheres e Docência Universitária nas ciências)/UESB; Grupo de Estudos das Pedagogias do Corpo e da Sexualidade -Gepecos/UEM; Laboratório de Estudos Queer – ConQueer/UFS; Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade/UESB.

Quando acionamos o verbete “silêncio” no Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 833-834) encontramos que “o silêncio e o mutismo têm uma significação muito diferente. O silêncio é um prelúdio de abertura à revelação, o mutismo o impedimento à revelação”. Os muitos e diferentes grupos de pesquisa pelo Brasil afora abrem passagem diante das tentativas de repressão. Não nos deixamos paralisar pelo mutismo que obstrui. “O silêncio envolve os grandes acontecimentos, o mutismo os oculta” (Idem, p. 834). Outra pergunta insiste em brotar! Qual o significado da produção deste Dossiê “Gênero, Sexualidade e Formação Docente”? Compromisso social com as revelações. “É através das palavras, entre as palavras, que “se vê e se ouve”. Beckett falava em “perfurar buracos” na linguagem para ver ou ouvir “o que está escondido atrás” (DELEUZE, 1997, p. 9). Mergulhamos nas palavras de Dulcinéia Aparecida Ferraz Ribeiro⁴ que atua como Pedagoga na instituição educativa não formal, chamada Núcleo Educacional Curumim, em Nepomuceno-MG, que atende crianças e adolescentes no contraturno da escola regular. É integrante do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil desde 1999⁵:

[...] recorri a vários referenciais teóricos que ao longo desses anos tive oportunidade de estudar, dialogar e problematizar de forma rizomática, ou seja, fazendo várias conexões que me ajudaram na construção de conhecimento sobre as questões de gênero e das violências sexuais.

A pedagoga refere-se aos muitos cursos de extensão, às discussões técnicas e políticas nas reuniões dos fóruns de Educação Infantil, que teve oportunidade de participar e, especialmente, nas temáticas de gênero e sexualidade. Afirma, em seu depoimento, as conexões realizadas. “Todo rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 25). Os processos educativos vividos potencializam seu olhar para o cotidiano:

⁴ Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras. Dissertação: Por uma Pedagogia Latino-Americana: pressupostos antropológicos da educação na Pedagogia do Oprimido. Integrante do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil.

⁵ Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil é um movimento social que iniciou sua trajetória no ano de 1999 constituindo-se em projeto de extensão do Departamento de Educação/Ufla. Os encontros são realizados mensalmente de maneira itinerante, contando com a organização das cidades envolvidas, onde são abordadas temáticas a serem discutidas mediante as políticas públicas para que ocorra a melhoria da qualidade de ensino voltada para crianças da Educação Infantil. Destaca-se que este “é um espaço suprapartidário articulado por diversas instituições, órgãos e entidades” (Carta de Princípios). Atualmente as reuniões mensais são realizadas virtualmente devido a Pandemia da Covid-19.

[...] ao fazer o planejamento das atividades que seriam desenvolvidas no dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual contra crianças e adolescentes, com base em diálogos e observações junto as docentes, me deparei com discursos machistas e discriminatórios sobre a mulher.

Especialmente os textos veiculados no livro “Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no sul de Minas Gerais”⁶ (RIBEIRO; ALVARENGA, 2016) advém de “um percurso que resulta das ações do projeto Borbulhando..., aprovado pelo Proext/MEC/2015 e articulou ensino, pesquisa e extensão produzindo conhecimentos na área de Direitos Humanos” (p. 18). O prefácio de Sílvio Gallo, professor que atua na Faculdade de Educação da Unicamp inicia-se assim:

Este livro reúne duas coisas que, juntas, possuem a potência de uma explosão de vários megatons. Infâncias de um lado, sexualidade de outro. E, no meio delas, a violência sexual contra crianças e jovens. Projeto corajoso, ao colocar o dedo numa ferida social da qual poucos querem cuidar. Mas sobre isso os textos aqui presentes, cujo enquadramento é feito por desenhos fantásticos de estudantes de escolas do Sul de Minas Gerais, falam muito melhor do que eu teria capacidade.

Essa explosão de vários megatons faz parte de nosso compromisso com as infâncias, as sexualidades e as relações de gênero. “Depois o rio passa” – “o simbolismo do rio e do fluir de suas águas é, ao mesmo tempo, o da *possibilidade universal* e o da *fluidéz das formas* (F. Schuon), o da fertilidade, da morte e da renovação” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 780). Desde a nascente do rio, seu encontro com afluentes – nomeando-os aqui como os projetos de extensão aprovados e que também desaguaram na produção de livros, nas transversalidades das disciplinas ministradas, nos eventos em que o grupo de pesquisa participou e que também organizou e na produção das pesquisas individuais que inundaram o coletivo – “Voz de muitas águas”. “É sempre por rizoma que o desejo se move e produz” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 32).

Puxando o fio do rizoma a que Sílvio Gallo se refere, ou seja, “os desenhos fantásticos de estudantes de escolas do Sul de Minas Gerais”. Uma das atividades realizadas no processo de formação docente do projeto Borbulhando... que objetivou realizar a formação técnica e política na temática das violências sexuais de profissionais da Educação Infantil integrantes do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, profissionais do Conselho Tutelar, do Centro de Referência em Assistência Social (Cras), do Centro de Referência

⁶ Acessar o pdf do livro: <https://fesexufla.wixsite.com/fesex/livros>.

Especializado em Assistência Social (Creas) dos respectivos municípios. Esse processo formativo aconteceu em 80 horas de curso presencial. Outra ação do projeto foi a publicação do já referido livro para estudo em 14 cidades da região. O projeto contemplou a construção de jogos para desencadear a fala das crianças sobre as violências sexuais; produção de cinco edições de um jornal. Realizamos também a I Mostra Cultural 18 de Maio – Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Inserimos aqui apenas dois dos desenhos que separam os capítulos do livro Borbulhando...



Figura 1. 1º. Lugar na categoria Desenho Ensino Médio. Jaine Aparecida Teixeira de Moraes E.E. Cinira de Carvalho (Lavras).



Figura 2: 1º. Lugar na Categoria Desenho – Anos iniciais do Ensino Fundamental – 4º. E 5º. Anos – Mirela Dayane Jesuino – E.M. Maria Goulart (Carmo do Rio Claro).

“O mar total e eu dentro do eterno ventre”

Esta frase da música de Caetano Veloso nos inspira a articular a simbologia do mar e os processos de formação docente. O mar é “símbolo da dinâmica da vida” (CHEVALIER;

GHEERBRANT, 1998, p. 592). Desafiador atuar com a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, o que requer mergulhos nessa dinâmica. Vejamos na continuidade do depoimento da pedagoga Dulcinéia para a realização dos estudos sobre violências sexuais na instituição que coordena e os mergulhos nos referenciais estudados em projetos de extensão:

O artigo escrito por Constantina Xavier Filha intitulado: “Violências contra Crianças e Adolescentes em Anjos do Sol” que se encontra no livro *Sexualidades, Gênero e Infâncias no Cinema (2014)*, que foi organizado por ela, articulou as discussões sobre a problemática das questões de gênero e poder, além de nos sugerir o filme “Anjos do Sol” (2006)⁷ dirigido por Rudi Legemman, como estratégia para iniciarmos nosso processo de reflexão.

A pedagoga diz sobre o levantamento das violências contra as mulheres. O que mais chamou a atenção foi sobre “a cultura do estupro, em que as mulheres ainda são julgadas e culpabilizadas pelas roupas que vestem e por comportamentos, que dizem ser “inadequados””. A equipe iniciou com a proposta de assistir ao filme “Anjos do Sol”. A depoente informa que, “para as docentes não foi fácil ir além dos discursos moralizantes, deterministas e maniqueístas como menciona Xavier Filha (2014) ”:

Uma das ações do projeto para instigar a reflexão com as docentes para que fossem além dos discursos discriminatórios e machistas, foi sugerido que utilizassem o recurso das artes cênicas para reproduzir as cenas do filme “*Anjos do Sol*”. O filme apresenta cenas com prostitutas. E quem faria a personagem prostituta? (percebi resistências). (Dulcineia Ribeiro).

Águas em movimento! Dia 18 de maio – enfrentamento às violências sexuais; leitura de artigo produzido pela pesquisadora Tina Xavier Filha; filme “Anjos de Sol”; debates; criação de peça de teatro. “O projeto proporcionou reflexões sobre as condutas e os discursos sociais prontos que são repetidos pelas docentes nas práticas educativas sem um diálogo problematizador sobre as questões de gênero e poder” (Dulcineia Ribeiro).

As relações de poder também na reprodução das cenas do filme “Anjos do Sol”, nas águas em movimento, na montagem da peça de teatro, na montagem das cenas, nas

⁷ ‘ANJOS DO SOL’ (Brasil, 92 min, 2006). Roteiro de Rudi Lagemann. Produção de Rudi Lagemann e Luiz Leitão. Direção de Rudi Lagemann.

vestimentas, na escolha das personagens. Muita polêmica para a escolha da personagem da prostituta. Uma professora diz, segundo o depoimento de Dulcinéia Ribeiro: “desde criança não uso saia”. E a partir daí vieram outras falas: “Batom vermelho e esmalte vermelho, também não uso, pois eram usados por prostitutas que antigamente moravam numa casa de luz vermelha e as mães diziam que não podiam passar na frente, pois era perigoso”.

“A grande mãe me viu num quarto cheio d’água e eu nunca me afogava”: bússolas e cartas de navegação que orientam atividades de extensão nas Universidades

O grupo de pesquisa Fesex mergulhou em águas abissais estudando muito; pesquisando muito, produzindo experiências e assumindo o compromisso ético-político com a concepção de extensão universitária baseada nas metodologias pós-críticas ao fazer interface com pesquisas de intervenção social mais ampla, sobretudo, as que se correlacionam com a formação de professores/as quando as temáticas são afetadas pelos marcadores sociais de gênero, sexualidade, raça, etnia, religiosidade, geração e tantas outras diferenças.

Cabe aqui uma leitura das cartas de navegação que orientam as atividades de extensão nas Universidades. Compreende-se que a atividade de extensão é uma responsabilidade muito importante da Universidade, principalmente neste momento em que tal instituição se insere na sociedade como uma organização educativa, muitas vezes, subsidiada pela lógica produtivista que concebe o conhecimento como um produto, interessando mais a quantidade do que a sua qualidade. Pelas cobranças dos órgãos de fomento, grande parcela dos docentes do Ensino Superior não percebe a extensão como espaço de investigação, o que reflete no seu isolamento, conseqüentemente na sua desvalorização política.

Nesse sentido, Schmitz (1984) assinala que as instituições deveriam realizar um trabalho crítico no sentido de problematizar, indagar e ressignificar os códigos culturais normativos, homogeneizadores e padronizantes, veiculando o presente ao passado e projetando o futuro, a fim de analisar, avaliar e politizar as diferenças. Conforme salienta o autor, para atuar com ética e responsabilidade em qualquer território ou projeto universitário, é necessário reconhecer os dispositivos culturais e interpretá-los sob a égide das relações de poder e dos jogos de verdade. Acontece que, segundo Schmitz (1984), é por intermédio da pesquisa, entrelaçada ao ensino e a extensão, que a Universidade tem a oportunidade de desconstruir a teia social e cumprir o seu papel crítico e criativo, integrando-se aos problemas

concretos da vida em comunidade. De forma complementar, o autor diz que é pela convivência, persistência, engajamento, apoio mútuo, projetos colaborativos que a extensão se consolida como esteio ao desenvolvimento de pesquisas, seminários, encontros, atividades culturais, sociais, assessorias, dentre outras. Em última análise, pode-se concluir que a função da Universidade é o contínuo exercício da crítica na busca de uma sociedade menos desigual e, para tanto, sustenta-se na pesquisa, no ensino e na extensão. Isso significa que as instituições caucionam-se na produção científica decorrente da problematização dos conhecimentos historicamente situados, com a finalidade de potencializar as transformações sociais.

Especificamente em relação às atividades de extensão, Silva (2000) ressalta que existem três abordagens que imperam nas instituições superiores brasileiras, quais sejam: a funcionalista, a crítica e a processual. No que tange à perspectiva funcionalista de extensão universitária, o autor revela que há uma centralização das ações na realização de cursos e prestação de serviços assistenciais. Por outras palavras, a extensão é tomada como condição redentora e salvacionista da instituição em relação aos alijados do sistema social e atrelada ao governo, ou seja, prevalece uma espécie de terceiro setor no interior das práticas em questão.

No que se refere à abordagem crítica, há a necessidade de que a Universidade repense alguns de seus pressupostos, tais como o entrelaçamento das três responsabilidades, concebendo a extensão em diálogo com o ensino, sendo a pesquisa uma espécie de retroalimentação de todas essas ações. Isso significa que para tal perspectiva, a extensão representa uma etapa dependente, inerente, implícita na produção e disseminação do conhecimento (SILVA, 2000).

Já a processual, por sua vez, declara a independência da extensão na medida em que assume uma tarefa institucional específica e um espaço próprio de organização política e estrutural da Universidade. Entretanto, em algumas situações envolvendo a interdisciplinaridade pode, dentro da sua especificidade, retroalimentar o ensino e a pesquisa com os dados da realidade (SCHMITZ, 1984).

Como se pode notar, apesar de termos apresentado as respectivas abordagens vigentes que circulam e dão alicerce teórico aos grupos de trabalho e iniciativas docentes individuais, o Fesex optou por construir outras rotas de extensão a partir das teorizações pós-críticas. Tendo em vista a defesa de uma abordagem pós-crítica de extensão universitária, inicialmente é necessário compreender que as mencionadas teorias ampliaram as análises

realizadas pelas teorias críticas, “indagando as pretensões totalizantes das grandes narrativas, do sujeito autônomo e centrado do projeto moderno e dos processos de dominação e poder baseados em relações sociais pautadas nas divisões de classe” (NEIRA, 2016, p. 82). Assim, as abordagens pós-críticas realizaram um deslocamento na maneira de “conceber a pedagogia, que passou a ser vista como prática social, logo, cultural, resultante da linguagem, dos textos, dos discursos, das relações de poder, da história e dos processos de subjetivação” (idem).

Entretanto, quais os fatores interferiram no surgimento das teorias pós-críticas? Para Neira (2016), os desafios de compreender o cenário social que se constituiu no final do século XX evidenciaram a inconsistência das explicações existentes à época e, inevitavelmente, contribuíram com a eclosão do pós-modernismo, pós-estruturalismo, pós-colonialismo, multiculturalismo e Estudos Culturais, dentre outros. Ou seja, as temáticas que afligem os sujeitos contemporâneos: diferença, desigualdade, injustiça, sustentabilidade e inclusão “tornaram necessárias novas categorias de análise que permitissem descortinar as relações travadas entre poder e identidade e entre a escola e a sociedade pós-moderna” (NEIRA, 2016, p. 83).

“A água e seu cochicho”: Considerações finais

Compusemos este texto, a quatro mãos, concordando com Deleuze (1997, p. 9) “de cada escritor é preciso dizer: é um vidente, um ouvidor, “mal visto mal dito”, é um colorista, um músico”. A música que nos inspirou foi, conforme já dissemos, “Eu e água” de Caetano Veloso. Encharcou nossas palavras e, o referencial teórico potencializou a abordagem de Neira (2016) sobre a função da ‘carta de navegação’:

A carta de navegação é um recurso imprescindível para quem tem que percorrer longos trajetos, quer sejam aéreos ou marítimos. Enquanto a bússola e o GPS indicam a direção, a carta sinaliza o relevo, distâncias, profundidades, perigos e pontos de referência que serão, ou não, considerados pelo navegante no momento em que traça a rota. Circunstâncias inesperadas obrigam-no a mobilizar conhecimentos, refazer os cálculos e replanejar o percurso, aprendendo com cada experiência (NEIRA, 2016, p. 81).

Partilhamos, portanto, com a leitora e o leitor elementos que orientaram e problematizaram cartograficamente a trajetória, as experiências, os dilemas, os desafios e o

desenvolvimento de ações formativas realizadas pelo grupo de pesquisa “Relações entre a filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente” (Fesex). Nesse sentido, a mencionada comunidade investigativa tem (teve) como objetivo promover reflexões teóricas sobre as temáticas relativas à filosofia, educação, sexualidade humana e gênero, tomando como ‘bússola’ os referenciais pós-críticos. De igual modo busca (buscou) produzir conhecimentos no âmbito dos estudos de gênero e sexualidade, enfocando a constituição dos sujeitos na teia social e educativa a partir da imersão laborativa no ensino, pesquisa e extensão.

Diante de tantas inserções e atividades do grupo, detivemo-nos a interpretar, perscrutar e explanar, especificamente, sobre o projeto de extensão: “Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no sul de Minas Gerais”. As prerrogativas centrais que nutriram profundamente essas ações foram, notadamente, as temáticas circunscritas à formação docente, às desigualdades de gênero, às violências sexuais, à educação infantil, os currículos, às redes de proteção, às políticas públicas e os direitos destinados às infâncias e às juventudes. Nesse sentido, o Fesex pautou toda essa investidura no engajamento político decorrente da problematização dos próprios eixos de conhecimento tratados no projeto e, para além disso, no compromisso dos/as seus integrantes que atualmente estão veiculados às diferentes etapas da formação, indo desde graduação até o doutorado.

Ademais, consideramos que tais enfrentamentos encetados no diálogo com a comunidade por meio de ações extensionistas só fizeram sentido porque, em momento algum, pretendíamos indicar ‘a’ verdade sobre os processos educativos ou demais intervenções ético-políticas, pois elas não se situam fora das redes de poder. Para Rago (2015), a verdade do mundo é produzida a partir de múltiplos constrangimentos, sendo que o papel do/a intelectual não é expressar a consciência unívoca de todos/as simultaneamente, uma vez que sua atuação é local e regional. De posse de tal estratégia, o Fesex defende que não há, portanto, “engajamento político que prescindia de uma análise dos mecanismos de poder que atravessam a sociedade, a fim de identificar processos de subjetivação normalizadores e disciplinares” (RAGO, 2015, p. 35).

A atuação do grupo em municípios no sul de Minas Gerais, além das parcerias estabelecidas com Universidades públicas do Brasil afora, tem como pressuposto o entendimento que as ações formativas e o desenvolvimento profissional de professores/as implicam em processos de subjetivação. Contudo, não estamos tratando especificamente de

uma dada subjetividade que simplesmente reproduz normas e preceitos da cotidianidade, pois se assim o fosse, a educação enquanto dispositivo que tem como alvo o corpo humano, agiria apenas para supliciá-lo, mutilá-lo ou reprimi-lo, mas, ao contrário, age também para aprimorá-lo (CAMARGO, 2012).

Isso equivale dizer que a tática do grupo para compor projetos de extensão é assumir, além do engajamento político e da concepção de educação como processo de subjetivação, “a criação de modos de existência e estilos de vida dotados do direito à diferença e à variação, capazes de resistir e escapar dos dispositivos de captura e fixação de identidades individuais, transformando a vida em uma obra sempre por se fazer” (RAGO, 2015, p. 36). Por isso mesmo, todos os diálogos estabelecidos com a sociedade caminham no sentido de problematizar e desconstruir os aparatos escolares, a fim de criar outras formas de resistência e existência.

Do ponto de vista teórico-metodológico, muito mais do que analisar como determinadas coisas se tornaram um problema histórico e científico, a ideia central do Fesex de atuação na tríade ensino-pesquisa-extensão (foi) é compreender como determinados conceitos, práticas e sujeitos foram\ são produzidos com base em discursos que estabelecem um regime de verdade, uma relação com o discurso verdadeiro. Compreendemos, portanto, a problematização como um objeto de análise e, ao mesmo tempo, um modo de olhar para o cotidiano e a formação docente ou, em linhas gerais, o ato de “problematizar é um trabalho do pensamento e de experimentação que permite o conjunto de práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento” (TRAVERSINI; ANDRADE; GOULART, 2018, p. 180).

Os cochichos das águas continuam. A cada dia um relato das experiências chega até nós via ações também do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil – como o depoimento da pedagoga que nos procurou para segredar sobre seu projeto numa cidade do sul de Minas Gerais.

“A água lava as mazelas do mundo” – esse é o nosso desejo – gênero e sexualidade têm causado feridas, enfermidades, desgostos, aborrecimentos, aflições. Que a “voz de muitas águas” anuncie novas formas de ser em grupo! Mais libertárias e solidárias.

Referências

- AUGRAS, Monique. **Imaginário da magia: magia do imaginário**. Petrópolis, RJ: Vozes, Editora PUC, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **O Direito de Sonhar**. Tradução: José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Isabel Raposo, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro. São Paulo: DIFEL, 1985.
- _____. **A Poética do Devaneio**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. **O Ar e os Sonhos**. Ensaio sobre a Imaginação do Movimento. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes. 1990.
- _____. **A Terra e os Devaneios da Vontade**. Ensaio sobre a Imaginação das Forças. Tradução: Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **A Dialética da Duração**. 2ª edição. Tradução: Marcelo Coelho. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994.
- _____. **A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Coleção Tópicos.
- _____. **A Psicanálise do Fogo**. 2ª edição. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleção Tópicos.
- CAMARGO, Ana Maria Facciole de. Cultura e diferenças no cotidiano da escola e no currículo. RIBEIRO, Cláudia Maria (org). **Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil**. Lavras: UFLA, 2012.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Gilles Deleuze**. Crítica e Clínica. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Introdução à Arquetipologia Geral. Tradução: Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Ensino Superior).
- FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: MOTTA, Manuel Barros da. **Foucault. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Coleção Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 411-442.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1993.

- UNO, Kuniichi e SANTOS, Laymert Garcia dos. **Guattari**. Confrontações/conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas. V. 1, n. 28, p. 101-128. Jan./jun. de 2007.
- NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física cultural: carta de navegação. **Arquivos em Movimento**, v. 12, n. 2, p. 82-103, Jul/Dez 2016.
- TRAVERSINI, Clarice Salete; ANDRADE, Sandra dos Santos; GOULART, Marcos Vinicius da Silva. A problematização em Foucault como ferramenta para analisar projetos de futuros jovens estudantes: insecções entre gênero e currículo. In: PARAÍSO, Marlucy Alves e CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (orgs). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.
- RAGO, Margareth. Libertar a História. **Revista Aulas**, v. 1, n. 3, p. 26-45, Mar 2015.
- RIBEIRO, Cláudia Maria e ALVARENGA, Carolina Faria (orgs.) **Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no sul de Minas Gerais**. Lavras: UFLA, 2016.
- RIBEIRO, Cláudia Maria e XAVIER FILHA, Constantina. Corsário Preso. Possibilidades e limites para navegar pelo conceito de gênero na Educação Básica. **Revista Retratos de Escola**, Brasília, v. 14, n. 28, jan./abr. 2020. p. 141-157.
- SCHMITZ, Egídio. **Caminhos da universidade brasileira**: filosofia do ensino superior. Porto Alegre: Sagra, 1984.
- SILVA, Maria das Graças. **Extensão**: a face social da universidade? Campo Grande: Editora da UFMS, 2000.
- XAVIER FILHA, Constantina (org.). **Sexualidades, Gênero e Infâncias no Cinema**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.
- VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, Anped, v. 17, n. 50, maio-ago, p. 267-282, 2012.